

**CORRESPONDÊNCIA ENTRE HANNAH ARENDT E BENNO VON WIESE SOBRE
O TEXTO “OBSERVAÇÕES SOBRE O ‘PASSADO NÃO SUPERADO’”, DE VON
WIESE**

Tradução e edição de Adriano Correia

1- Arendt a von Wiese (3 de fevereiro de 1965)

Prezado Benno,

Você chamou minha atenção para suas “observações sobre o passado não superado” no jornal *Die Zeit* e por isso quero lhe dizer o que penso. Você se autoneomou o porta-voz da “geração” que “sucumbiu à influência de um espírito da época (*Zeitgeist*) desastroso”. Não quero examinar até que ponto isso é verdade, mas apenas lembrá-lo de que isso não se aplica de modo algum a você nessa forma tão inequívoca.

Quando começou o espírito da época? Em 30 de janeiro de 1933? Certamente você não afirmaria isso. Como você se posicionava em relação ao espírito da época antes de ele assumir o poder? Posso responder a isso. Em dezembro de 1932 você me visitou em Berlim e se hospedou, se me lembro bem, na minha casa. O objetivo da visita era seu livro sobre Herder. Naquela ocasião, conversamos sobre o fato de que o espírito da época provavelmente chegaria ao poder. Naquela época – não “retrospectivamente”, mas de certa forma antecipadamente – você tinha a mesma opinião que eu de que o espírito da época era um “não-espírito”. Naquela época, você previu coisas piores do que o “não-espírito”, porque me pediu para cuidar de sua mãe, que morava perto de mim, no caso de uma tomada de poder, que ambos considerávamos provável.

Você só “sucumbiu” ao espírito da época alguns meses depois, quando percebeu que sua “carreira pública” estava em jogo. Naquela época, você decidiu por seguir uma carreira tranquila e foi mais rápido do que muitos outros para se alinhar, exigindo a “remoção do sangue estrangeiro” das universidades. Quais membros de sangue estrangeiro você conhecia naquela época? Acima de tudo, o falecido Gundolf¹, que havia sido seu professor, e eu, que você contava entre seus amigos íntimos apenas alguns meses antes. Caso contrário, você dificilmente teria me feito uma visita prolongada. É claro que você não poderia saber nessa época o que ainda estava por vir, mas não se pode falar em “falta de noção” de sua parte. Talvez você não tivesse noção quando começou a elevar Dietrich von Eckardt² à categoria de poeta, mas não porque lhe faltassem “possibilidades de comparação”, mas precisamente porque estava disposto a sacrificar não apenas seus professores e

¹ O germanista Friedrich Gundolf (1880-1931) foi um dos mais importantes intelectuais das primeiras décadas do século XX na Alemanha, principalmente no período da República de Weimar, por seus estudos sobre Shakespeare e Goethe, principalmente. Foi professor de von Wiese, Arendt e ainda Joseph Goebbels. Ao final da vida compôs a canção “Schließ Aug und Ohr für eine Weil” (Feche os olhos e os ouvidos por um tempo), que viria a se tornar a canção do movimento *Rosa branca* de oposição ao nazismo. Foi o primeiro a ganhar, em 1930, o Prêmio Lessing da Cidade de Hamburgo, que Arendt viria a receber em 1959 (nota do tradutor).

² Dietrich Eckart (1868-1923) foi um escritor e um dos fundadores do partido nazista, para cujo primeiro hino escreveu a letra. Ele era um antissemita furioso e exerceu imensa influência sobre Adolf Hitler logo após a Primeira Guerra Mundial. Hitler dedicou a ele o segundo volume de seu livro *Mein Kampf* (nota do tradutor).

amigos, mas também os padrões de sua própria disciplina, que você conhecia muito bem, em prol de sua carreira. E por que você sucumbiu ao espírito da época? Somente porque se recusou a admitir para si mesmo que estava agindo por oportunismo e porque até hoje não consegue reunir o mínimo de cinismo que poderia salvar sua integridade pessoal naquela época e agora.

Porque o oportunismo é desculpável para a geração à qual ambos pertencemos; o medo da vida que você possui em tão alto grau, por razões da natureza mais pessoal, foi de fato devido ou parcialmente devido à época. Se você tivesse dito à geração mais jovem: “tínhamos medo, e vocês não sabem o que é medo”, você teria falado a verdade e, ao que me parece, também teria sido mais bem-sucedido. Mas isso não é da minha conta. O que me impressiona é que você se manifesta de novo exatamente no momento em que teme por sua carreira pública ou por sua posição perante o público, como fez há mais de trinta anos.

E hoje isso é menos desculpável do que era naquela época. Afinal, o que poderia acontecer com você? Você não cometeu propriamente crimes, é rico e nós somos velhos ou estamos prestes a ficar velhos. Naquela época, éramos jovens e pobres, e tudo ainda estava em jogo. Você teve vinte anos para se informar sobre as coisas que aconteceram naquela época e para pensar sobre elas. Suas “observações” mostram claramente que você não achou isso necessário. Agora você está realmente sem noção.

Por fim, você diz que hoje “uma rachadura que já se fechou *organicamente* está sendo reaberta”. Organicamente? Isso só pode significar: sem se fazer nada a respeito. Isso é um erro e qualquer visita ao exterior com os olhos abertos te ensinaria o contrário. E na própria Alemanha? Não se iluda. A administração de Adenauer cobriu todas as rachaduras; não só os assassinos não foram processados, como também puderam se tornar funcionários públicos, muitas vezes em cargos de honra. A cola agora está se desfazendo e as rachaduras estão se tornando visíveis, só isso. Talvez seja possível passar a cola novamente. Se isso é benéfico para o desenvolvimento da Alemanha, como você deseja, é algo que você deve perguntar a si mesmo.

Não sei e nem posso saber como fechar essa carta, porque ela confirma a lacuna que você quer ver fechada e que, na verdade, você mesmo abriu. Portanto, você também deve dizer como ela (a carta) deve ser fechada agora.

Nesse sentido...

2- von Wiese a Arendt (10 de fevereiro de 1965)

Prezada Hannah,

Sua carta me entristeceu profundamente e atingiu-me como um golpe. Vou destacar imediatamente o ponto principal. Você me acusa de ter escrito meu artigo porque “temia” por minha “carreira pública” e por minha “posição perante a opinião pública”. Isso é simplesmente falso. Minha carreira pública, que, aliás, não devo ao nacional-socialismo, mas à minha atividade acadêmica como pesquisador e professor, está praticamente encerrada. Faltam poucos anos para me aposentar e nunca gostei muito de cargos e honrarias. Quando eram inevitáveis, eu os aceitava. Exceto por palestras e viagens ocasionais, levo uma vida tão isolada quanto possível. Quero escrever meus livros e fico feliz quando eles são lidos e comprados. Isso é tudo. A alegação de que o artigo foi escrito por “medo” é grotesca. Do que eu deveria ter medo? De ser destituído, difamado? Isso seria ridículo. Talvez medo de doença, velhice e morte, mas isso não tem nada a ver com o artigo. Além disso, é mais provável que esse artigo me prejudique mais que me beneficie. Sua carta é um exemplo eloquente disso – ou você atualmente não é também “opinião pública”? –, embora meu velho pai tenha me escrito espontaneamente que achava que cada linha estava correta. Bem, ele é velho, muito velho, mas certamente não é “sem noção” nesses assuntos. Escrevi o artigo porque achei que tinha de pronunciar uma fala tranquila, mediadora e ponderada na discussão altamente funesta sobre os eventos na Universidade de Bonn e os artigos e cartas dos leitores publicadas no jornal *Die Zeit* relacionadas a isso, que estavam repletos de afetos terríveis e históricos pessoais repugnantes de todo tipo. Não houve, de forma alguma, ameaça direta ou indireta à minha pessoa.

Provavelmente eu não deveria ter escrito isso, afinal. Porque vejo, com base em seu exemplo e em outros, que estamos suscetíveis a interpretações errôneas grosseiras nas quais os afetos ainda interferem. Isso parece valer mesmo pessoas muito inteligentes, o que acaba obscurecendo seu julgamento. Sua insinuação, por exemplo, oferece uma caricatura tal de mim que não consigo mais discutir o assunto. Quanto ao meu breve comentário biográfico, ele apenas indicava que eu também estava envolvido. Isso se deu somente após a tomada do poder, é claro, e nunca afirmei o contrário. Essa é a verdade não propriamente bonita. Como interpretar meu caso pessoal em detalhes é uma segunda questão e não está em discussão aqui. O que você escreveu sobre isso certamente está parcialmente correto, mas também é apenas metade da verdade. Estão faltando outras coisas e também todo o desenvolvimento posterior, como, por exemplo, o conflito com Franz Koch, que você não pode conhecer. Ele me acusou em uma carta oficial durante a guerra de que eu ainda estava sempre falando favoravelmente sobre os “judeus” e isso deveria prejudicar decisivamente “*minha* carreira pública”. Mas devo me submeter novamente a um processo de desnazificação perante você? Caso repita hoje as citações que conhece há muito tempo, a primeira, realmente comprometedor, não de minha autoria, a propósito, mas eu coloquei meu nome nela, e isso é suficiente. O coautor foi mais tarde fuzilado pela SS como combatente da

resistência.

Quero dizer que se você considera apropriado agora o que escreveu sobre mim, não deveria ter me levado para sua casa depois da guerra. Hoje, depois de 30 anos, você usar esses argumentos, contra os quais estou indefeso, contra mim novamente não me parece justo. Você espera de mim o cinismo alegre do oportunista para salvar minha “integridade”. Mas não fui “íntegro”, como entendo a palavra, e acho que é mais correto admitir isso claramente. O “cinismo” em resposta a isso só pode levar ao desrespeito absoluto pelas pessoas, com ou sem a inclusão da própria pessoa, sendo que considero a primeira ainda pior do que a segunda. A integridade que você exige, por sua vez, seria apenas uma caricatura da minha pessoa.

Resta o veredicto “sem noção”. Talvez, mas espero que não!!! Não sou um defensor de funcionários públicos em altos cargos que foram assassinos e certamente não sou partidário das correntes na Alemanha que querem suprimir e encobrir o passado o mais rápido possível. Não há uma palavra sequer sobre essas coisas em meu artigo. Eu apenas mencionei as discrepâncias entre duas gerações da Germanística. Eu tenho de lidar com essas dificuldades na prática e posso julgá-las melhor do que você. Receio que *voicê* não tenha noção alguma nesse setor. Mas por que deveríamos discutir sobre isso? Também é inútil discutir sobre a interpretação da palavra “orgânico”, que em todo caso não é o que eu quis dizer. Tudo o que eu estava falando era sobre a cooperação entre os emigrantes que retornaram e seus colegas atuais nas universidades alemãs. Você está projetando todo o meu ensaio, que é limitado em seu escopo, na grande política. Se o tivesse lido com imparcialidade, isso não seria possível.

É certamente possível que eu veja as coisas de forma errada em alguns aspectos. Aceito de bom grado ser instruído e estou disposto a discutir isso com qualquer pessoa, e jamais me furtaria de tal discussão. Também reconheço seu direito pessoal apontar criticamente para meu “passado”. Entretanto, não te concedo o direito de pronunciar um julgamento de condenação moral total sobre minha pessoa atual. Eu só precisava dizer isso de forma tão clara quanto o foi sua carta, e agora você pode decidir por si mesmo se deseja fazer tal alegação ou não.

Benno

3- Arendt a von Wiese (19 de fevereiro de 1965)

Prezado Benno...

Respondo o mais rápido possível para que não fiquemos presos a esse mal estar. Você me entendeu mal em muitos aspectos – na verdade, em todos. Mencionei a carreira pública porque você mesmo se identificou assim: a geração que começou sua carreira pública quando Hitler tomou o poder. Eu não disse uma palavra sobre você devê-la aos nazistas. Como eu poderia? Eu sei muito bem. Mas é inegável que os nazistas poderiam ter posto um fim rápido a essa carreira. Não poderiam? Mas é impressionante o fato de você nunca ter falado sobre essas coisas nos vinte anos desde o fim da guerra, pelo menos não publicamente, e agora o fazer em um momento em que sua própria universidade está em apuros. Você não acha?

Quanto à falta de noção: se você acha que pode escrever sobre essas coisas envolvendo apenas as diferenças entre as gerações *na Germanística*, então você não tem noção. Esse não é um problema típico da Germanística. Talvez você devesse dar uma olhada na revista estudantil de Göttingen, onde se menciona a Germanística entre muitas outras coisas. Percebi, quando lhe escrevi, que nesse acerto de contas dos netos com os avós (metaforicamente falando), os filhos (novamente metaforicamente falando) não ousaram tentar a sorte, porque o poder ainda estava muito solidamente nas mãos da geração questionada – aspectos altamente desagradáveis do chamado caráter humano viriam à tona, e esse é o pano de fundo a partir do qual você está escrevendo. Nada sei de específico sobre isso, mas posso imaginar. A corrida por cargos com base em denúncias. Mas a sociedade dos corvos, na qual cada corvo acobertava todos os outros, também não era uma visão animadora. Ela está desmoronando agora. Quando digo sem noção, quero dizer que você mesmo não percebe a seriedade do assunto, que algumas palavras conciliatórias e frases de efeito de nada adiantarão.

Por sem noção, quero dizer também que você nunca achou necessário se informar de verdade. Eu realmente gostaria de saber quais livros você leu que tratam desses assuntos, pois agora a história está passando por cima de sua cabeça e você está perdido.

Tive de rir de seu horror por eu ter acusado você de falta de cinismo. Veja, quero dizer apenas o seguinte: não é verdade que você sucumbiu ao espírito da época na figura de Hitler, mas é verdade que você sucumbiu ao medo desse espírito da época certamente muito assustador. São coisas distintas. Então, como você se recusou tolamente a admitir seu próprio medo, também sucumbiu ao próprio espírito da época, para piorar a situação. Quanto ao primeiro ponto, o medo era tão justificado que seria tolice se ressentir dele. Quanto ao segundo ponto, é diferente. Nunca tive a intenção de emitir um julgamento condenatório sobre você. Eu só queria argumentar com você, e me parece que teria sido melhor para você como pessoa se no passado tivesse admitido para si mesmo, para mais ninguém, que agiu por medo *e não por convicção*; então a convicção nem teria aparecido em primeiro lugar e você teria percebido com mais clareza até onde deveria ir e o que não precisaria dizer ou publicar. Você teria mantido sua capacidade de julgar. No que diz respeito ao

presente, parece-me que seria mais sensato dizer aos jovens que nós tínhamos medo, do que admitir implicitamente que éramos estúpidos e depois exigir que o disparate seja historicamente desculpado e explicado. Está claro que a geração mais jovem sabe ler e que o que você escreveu naquela época não parece muito engraçado hoje (“Ao ouvir as falas que vêm da sua casa, a pessoa ri./ Mas quem te vê, agarra a faca”. Brecht escreveu isso na década de 1930³). Todos podem entender que isso é e foi um disparate sem a necessidade de qualquer “senso histórico”, mas o medo que os levou a esse disparate é, de fato, muito mais difícil de entender. Quando você escreve “sucumbimos ao espírito da época”, isso soa muito bonito se esquecermos que quem sintetizou o espírito da época foi Hitler, que se parece com um estelionatário sentimental⁴ e não com alguém como Napoleão. Receio que você tenha se esquecido disso. De qualquer forma, se eu estivesse no seu lugar, seria dez mil vezes mais provável que eu admitisse que estava com medo do que que realmente acreditei nesse disparate por iniciativa própria e sem nenhum outro motivo. Deus sabe que eu não queria condená-lo, e quando nos reconciliamos em Nova York eu sabia disso e estava sendo sincera.

E agora sobre o fechamento. Eu estava irritada. E ainda sou da opinião de que você nunca deixou essas coisas realmente claras para si mesmo e que é melhor manter a boca fechada se não tiver clareza. O fato de você não ser o único com essa atitude não é desculpa. Mas é uma explicação para como o “estranhamento” (*Entfremdung*) entre as gerações chegou a esse ponto. Parece-me que vocês falharam duas vezes, não apenas sob Hitler, mas sobretudo depois. Seja como for, vamos fazer as pazes novamente e evitar perder nossos cabelos grisalhos em nossa velhice.

Nesse sentido...

³ Arendt havia utilizado esse poema de Brecht como epígrafe de *Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal* (São Paulo: Companhia das Letras, 1999). Nota do tradutor.

⁴ Arendt emprega a palavra “Heiratsschwindler”, cuja tradução literal seria “golpista matrimonial”. Trata-se da pessoa que simula envolvimento afetivo com outra pessoa para obter vantagens, usualmente econômicas (nota do tradutor). Trata-se de indicar que Hitler era antes um trambiqueiro e não um malfeitor de grande estatura.